

UM VASO DE BARRO: A DIMENSÃO HUMANA DE JOÃO CALVINO

*Alderí Souza de Matos**

RESUMO

Este artigo aborda uma questão controvertida com respeito ao reformador de Genebra – sua personalidade. Desde o século 16, são muitos os escritores que têm feito um juízo excessivamente negativo de Calvino, geralmente motivados por preconceitos ideológicos, e não por uma análise serena e objetiva das evidências históricas. Ao mesmo tempo em que reconhece a existência de aspectos questionáveis em certas atitudes e ações do ilustre reformador, o autor argumenta que são numerosas e significativas as áreas de seu caráter e conduta nas quais se percebem traços altamente apreciáveis. Inicialmente, o artigo faz um rápido levantamento de algumas avaliações recentes da personalidade de Calvino. Em seguida, são abordadas as suas origens familiares, amizades mais significativas, vida doméstica, atitude conciliatória e espiritualidade. O texto conclui com seções sobre as peculiaridades pessoais de Calvino e uma análise do quadro paradoxal apresentado por ele, no qual conviveram lado a lado alguns elementos construtivos e outros preocupantes, buscando-se as causas destes últimos. A conclusão é que, pesadas todas as informações disponíveis sobre esse complexo personagem, sobressaem extraordinariamente suas características e contribuições positivas.

PALAVRAS-CHAVE

João Calvino; Personalidade; Amizades; Vida doméstica; Espiritualidade; Vida pessoal.

* O autor é professor de teologia histórica no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Obteve o grau de mestre (S.T.M.) na Escola Teológica Andover Newton e o grau de doutor em teologia (Th.D.) na Escola de Teologia da Universidade de Boston, ambas nos Estados Unidos.

INTRODUÇÃO

Um aspecto pouco discutido da vida de João Calvino é a sua personalidade privada, o seu comportamento no âmbito pessoal e familiar. A atuação pública do reformador é objeto de intenso escrutínio por parte dos estudiosos, mas pouco se fala sobre ele como pessoa, sobre como agiu na intimidade dos seus relacionamentos. Reconhecidamente Calvino tem sérios problemas de imagem junto ao público leitor. São muitos os escritores que o caracterizam de forma bastante negativa, qualificando-o como um indivíduo frio, insensível e antissocial. Muitos também apontam para suas ações agressivas em relação a certas pessoas e grupos em Genebra. Associadas a isso estão suas descrições como o tirano ou ditador de sua cidade de adoção, encontradas em muitas obras acadêmicas e populares. Mesmo autores que reconhecem as contribuições positivas do reformador, tendem a ter uma visão negativa de sua personalidade e conduta.

Quanto a esse assunto, três abordagens são possíveis. A primeira procura demonizar o reformador, vendo nele toda sorte de coisas condenáveis. Geralmente esse ponto de vista está associado a uma visão fortemente negativa da teologia calvinista. A outra abordagem, comum entre muitos entusiastas de Calvino, é atribuir-lhe somente virtudes e feitos extraordinários, no estilo das hagiografias ou vidas dos santos. Uma terceira opção é buscar uma apreciação desapassionada do personagem, reconhecendo que, ao lado de suas inegáveis e numerosas realizações, Calvino foi profundamente humano e, por isso mesmo, passível de erros e incoerências, tanto quanto de expressões de grande simpatia e afetividade. Seguindo essa terceira linha de raciocínio, o objetivo deste artigo é destacar alguns aspectos relevantes dessa questão, visando tornar mais equilibrada a avaliação do personagem.

Não se pretende aqui idealizar a figura de Calvino, admitindo-se que de fato existem alguns aspectos preocupantes em sua personalidade e ações. Ao mesmo tempo, por uma questão de fidelidade histórica, é necessário reconhecer que houve diversos contextos e áreas de sua vida e trabalho nos quais o líder reformado revelou atitudes e comportamentos extremamente positivos e construtivos. Inicialmente é feita uma breve consideração de avaliações recentes da personalidade e caráter de Calvino. Após algumas informações sobre suas origens familiares, são abordadas algumas áreas nas quais ele se revelou um indivíduo sensível, afetuoso e até mesmo caloroso, como suas amizades, vida doméstica, atitude conciliatória e espiritualidade. Duas seções adicionais tratam de suas características pessoais e do quadro paradoxal que ele apresenta aos estudiosos. Em conclusão, é feita uma avaliação de sua pessoa à luz das informações aduzidas.

1. AVALIAÇÕES DA PERSONALIDADE DE CALVINO

Em sua individualidade singular, os seres humanos nascem com características que os acompanham por toda a vida. Essas peculiaridades resultam em parte de fatores genéticos, hereditários, sendo reforçadas ou atenuadas pelas influências do meio e as experiências de vida. Enquanto que Martinho Lutero ficou conhecido na história como um homem extrovertido, passional e efusivo, tornando-se assim muito atraente tanto aos olhos de seus contemporâneos quanto de gerações posteriores, Calvino parece ter possuído um temperamento tímido, introspectivo, à primeira vista pouco merecedor de admiração. Alister McGrath avalia: “... é bastante justo sugerirmos que Calvino não era propriamente uma pessoa agradável, faltando-lhe a perspicácia, o humor e a cordialidade que faziam de Lutero uma pessoa tão divertida nas rodas que freqüentava”.¹

Obviamente, a análise psicológica de qualquer personagem é uma tarefa muito difícil, sendo passível de interpretações bastante subjetivas por parte dos estudiosos, principalmente quando se trata de um indivíduo complexo como o reformador de Genebra. Basil Hall, professor de história da igreja no Westminster College, em Cambridge, analisou diversas críticas que têm sido feitas à personalidade de Calvino. Henri Daniel-Rops, renomado historiador católico, afirmou que o reformador se assemelhava em seu caráter privado ao revolucionário radical francês Maximilien de Robespierre, “um dos homens terrivelmente puros que impiedosamente aplicam princípios”.² Outros escritores do século 20 que emitiram opiniões fortemente negativas acerca de Calvino (e Lutero) foram Stefan Zweig, Erich Fromm e Oskar Pfister. Em *Christianity and Fear (Cristianismo e Medo)*, 1944), Pfister, um pastor protestante suíço de orientação liberal e amigo de Sigmund Freud, declara: “O fato de que o próprio caráter de Calvino era compulsivo-neurótico transformou o Deus de Amor conforme experimentado e ensinado por Jesus em um personagem compulsivo, um fanático de temível crueldade, possuindo traços absolutamente diabólicos em sua prática reprobatória”.³ Para ele, Calvino era sádico e cruel, um homem carente de simpatia humana e de compaixão. Dois importantes autores que refutaram essas alegações foram Ernst Pfisterer e Émile Doumergue.

Na segunda metade do século 20, diferentes estudiosos têm procurado desvendar a personalidade de Calvino de maneira mais construtiva. São exemplos disso D. Hourticq (*Calvin, mon ami*, 1963), Richard Stauffer (*L’humanité*

¹ McGRATH, Alister. *A vida de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 34.

² HALL, Basil. The Calvin Legend. In: DUFFIELD, G. E. (Org.). *John Calvin*. Grand Rapids: Eerdmans, 1966, p. 6.

³ Ibid., p. 7. Sobre Pfister e Freud, ver FREUD, Ernst L.; MENG, Heinrich (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. 3ª ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2001.

de Calvin, 1964), Alexandre Ganoczy (*Le jeune Calvin*, 1966), Suzanne Selinger (*Calvin against himself*, 1984) e A. Perrot (*Le visage humain de Calvin*, 1986).⁴ Em 1988, William J. Bouwsma, professor da Universidade da Califórnia (Berkeley) e um especialista no Renascimento, publicou um estudo muito aclamado sobre o tema – *John Calvin: A Sixteenth Century Portrait* (*João Calvino, um retrato do século 16*). Embora tenha reconhecido os inegáveis méritos dessa obra, John Hesselink, renomado estudioso de Calvino, achou questionável a caracterização feita por esse autor “de dois Calvinos que coexistiram desconfortavelmente no mesmo personagem histórico”, a saber, o teólogo ortodoxo racionalista e moralista e o retórico e humanista livre e criativo.⁵ Jeannine Olson, também especialista em estudos calvinianos, opinou que o retrato traçado por Bouwsma, embora complexo e honesto, apresenta o reformador como alguém “excessivamente solitário, ansioso e inseguro, com menos domínio de si mesmo e do seu ambiente do que realmente aconteceu”.⁶ Ela acredita que alguns aspectos importantes foram omitidos da análise de Bouwsma, como as fortes amizades de Calvino, sua vida de oração, sua piedade ou espiritualidade, seu envolvimento com os outros, sua defesa dos pobres.

O erudito alemão Heiko Oberman é um daqueles que traçam nítido contraste entre as personalidades de Lutero e de Calvino. Segundo ele, enquanto que a *persona* do reformador de Wittenberg avulta em cada página de sua obra, “Calvino tinha a tendência de ser tão ‘privado’ que é difícil discernir a pessoa por trás da pena e descobrir a pulsação emocional por trás de seu esforço intelectual em apreender os mistérios de Deus e do mundo”.⁷ No entanto, essa reticência de Calvino acerca de si mesmo, o temor de se expor abertamente em suas obras, deve ser visto com cautela. Os escritos teológicos do reformador revelam um homem que está longe de ser frio e distante; ao contrário, ele tinha convicções fortes e as defendia com ardor. Ao mesmo tempo, existem escritos seus mais pessoais, como suas cartas, onde se descobrem aspectos insuspeitados de sua personalidade e sentimentos, revelando-o como alguém possuidor de grande sensibilidade, afeto e espírito altruísta. Um fator que deve ser levado em consideração nessa análise é que, como acontece muitas vezes com indivíduos destacados, havia duas dimensões na personalidade de Calvino – uma pública e outra privada, ambas nem sempre coincidentes.

⁴ Ver COTTRET, Bernard. *Calvin: A Biography*. Grand Rapids: Eerdmans; Edinburgh: T&T Clark, 2000, p. xiii, n. 14.

⁵ HESSELINK, I. John. Reactions to Bouwsma’s Portrait of “John Calvin”. In: NEUSER, Wilhelm H. (Org.). *Calvinus Sacrae Scripturae Professor*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994, p. 209s.

⁶ *Ibid.*, p. 212.

⁷ OBERMAN, Heiko A. Initia Calvino: the Matrix of Calvin’s Reformation. In: NEUSER, Wilhelm H. (Org.). *Calvinus Sacrae Scripturae Professor*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994, p. 114.

2. ORIGENS FAMILIARES

A família de Calvino tinha uma origem muito humilde. Seu pai, Girard ou Gérard, havia sido um tanoeiro, ou seja, fabricante de barris e pipas, assim como seus antepassados, tendo deixado a vila paterna de Pont-l'Évêque e se mudado para Noyon. Desde o 6º século, essa antiga cidade amuralhada da Picardia, no norte da França, era sede de um bispado, e foi ali, no ano 768, que Carlos Magno foi coroado rei dos francos. Em Noyon, Girard Cauvin passou a exercer uma profissão muito mais rentável e prestigiada – tornou-se procurador do clero local e secretário pessoal do próprio bispo, um membro da nobre família de Hangest. Casou-se com Jeanne le Franc, filha de um rico hotelheiro aposentado. O casal teve vários filhos: Charles, outros dois que morreram na infância, Jean e por último Antoine. A mãe faleceu quando Jean (João) estava com apenas seis anos. De um segundo casamento, o pai teve ainda duas filhas.

A família acabou tendo sérias dificuldades com a igreja tradicional. Girard se indispsôs com os clérigos de Noyon por questões profissionais, e quando faleceu, em maio de 1531, quase lhe negaram sepultura no cemitério local. Charles, o primogênito, tornou-se padre. Todavia, tendo se decepcionado profundamente com a igreja, afastou-se do sacerdócio e abraçou ideias protestantes. No leito de morte recusou-se a receber o sacramento e veio a ser sepultado em campo profano, sem a bênção da igreja. Antoine e uma das irmãs, Marie, também abraçaram a fé evangélica e mais tarde se mudaram para Genebra com o irmão famoso. Somente a outra irmã permaneceu fiel à igreja de Roma, tendo residido por toda a vida em Noyon. Quanto a João, obviamente tornou-se o alvo principal dos comentários do povo da cidade sobre a triste decadência dos Cauvin.⁸ A residência da família não mais existe na pequena Noyon, tendo sido edificado no local um museu em homenagem ao reformador.⁹

Por causa de sua reticência em falar de si mesmo, pouco se sabe sobre a infância de Calvino. Não se pode dizer até que ponto a perda prematura da mãe afetou o menino emocionalmente e contribuiu para firmar alguns aspectos de seu temperamento. Aparentemente teve uma infância normal, num lar onde havia relativo conforto, gozando de boas oportunidades educacionais graças às conexões do pai com a elite da cidade. Nos bancos escolares, foi colega dos sobrinhos do bispo, inicialmente sob a direção de um tutor particular e depois no *Collège des Capettes* (Colégio dos Capuzes). Mais tarde, os rapazes o convidaram para ir estudar em Paris, fato que teve conseqüências extraor-

⁸ VAN HALSEMA, Thea B. *João Calvino era assim*. São Paulo: Vida Evangélica, 1968, p. 10s, 55.

⁹ O que restava do edifício original foi destruído na I Guerra Mundial. A pedra fundamental do museu foi lançada em 10 de julho de 1927, sendo o edifício inaugurado três anos mais tarde e reinaugurado em 1955, após novos danos sofridos durante a II Guerra Mundial. Ver COTTRET, *Calvin*, p. 9, n. 27.

dinárias para a sua vida. Nessa época, já se haviam manifestado nele duas características marcantes: a inteligência privilegiada e a facilidade para fazer amizades sólidas e duradouras. Foi a partir das experiências em Paris, e depois em Orléans e Bourges, que se consolidaram alguns dos traços fundamentais da personalidade de Calvino.

3. AMIZADES

Henry Henderson observa que “embora Calvino tenha granjeado muitos inimigos mortais, ele também parece ter tido um pendor para a amizade”.¹⁰ Dentre os seus companheiros dos tempos de estudante, houve alguns dos quais foi amigo por toda a vida, a começar de Jean e Claude de Hangest, sobrinhos do bispo de Noyon. Algumas de suas amizades mais profundas foram feitas em Orléans, durante os estudos jurídicos, incluindo indivíduos como Nicolas Duchemin, François de Connan e Philip Loré. A maior parte de suas primeiras cartas preservadas foram escritas a François Daniel, colega de estudos em Orléans. Apesar de nunca ter deixado a Igreja Romana, ele ainda se correspondia com Calvino em 1559, vinte e oito anos após terem estudado juntos. Seu filho foi auxiliado em Genebra por Calvino. Este escreveu a Daniel: “Pelo amor que lhe reservo... estou inteiramente ao seu serviço”.¹¹

Dois amigos especiais foram seu primo Pierre Robert, apelidado Olivétan, e Melchior Wolmar, seu professor de grego em Orléans. Esses dois homens parecem ter sido instrumentos decisivos para a conversão de Calvino à fé evangélica. O prefácio que escreveu para o Novo Testamento em francês publicado por Olivétan foi seu primeiro escrito como protestante. Outros amigos chegados foram Michel Cop, irmão de Nicholas Cop e pastor em Genebra, e a família do ilustre pensador Guillaume Budé, que também havia se mudado para a cidade. Em muitas de suas cartas a essas pessoas, Calvino tinha o curioso hábito de utilizar pseudônimos, alguns dos quais aparecem em sua correspondência ao longo de toda a sua vida. Os mais comuns eram Charles d’Espeville, Passelius, Martinus Lucanius e Alcuinus.¹²

Possivelmente seus amigos mais próximos durante a longa residência em Genebra foram os pastores Guillaume Farel e Pierre Viret, aos quais dedicou seu comentário da Epístola de Tito (1549): “Não creio terem existido amigos que viveram juntos em amizade tão sólida como temos feito em nosso ministério... Sempre nos considere como um só”.¹³ Como se sabe, Farel foi o homem que implantou o protestantismo em Genebra e convenceu um Calvino

¹⁰ HENDERSON, Henry F. *Calvin in his Letters*. Eugene, Oregon: Wipf & Stock, 1996, p. 85.

¹¹ VAN HALSEMA, *João Calvino era assim*, p. 150.

¹² PARKER, T. H. L. *John Calvin: A Biography*. Philadelphia: Westminster, 1975, p. 17.

¹³ HENDERSON, *Calvin in his Letters*, p. 86.

relutante a auxiliá-lo na cidade. Viret foi um dos principais colaboradores do reformador, tendo depois implantado a igreja reformada na vizinha Lausanne. Calvino também nunca se esqueceu de seu velho preceptor Martin Butzer, com o qual conviveu por três anos decisivos (1538-1541). Em 1548, Butzer deixou Estrasburgo como exilado e, a convite do arcebispo Thomas Cranmer, foi para a Inglaterra, onde lecionou na Universidade de Cambridge. Sabendo que ele se sentia desanimado e solitário, Calvino lhe escreveu: “Eu quisera poder de alguma maneira aliviar os sofrimentos do seu coração e os cuidados que o estão torturando”.¹⁴

É tocante a sua dedicação a Viret, que ficou viúvo em março de 1546. Calvino não só lhe escreveu diversas vezes convidando-o insistentemente a ir descansar em Genebra, mas fez grande esforço no sentido de obter uma nova esposa para o colega. Em carta após carta ele trata do assunto e descreve uma candidata que lhe pareceu adequada: “Ela é muito modesta, com uma aparência e personalidade extremamente atraentes”. Em novembro do mesmo ano, Viret acabou se casando com a filha de um refugiado francês, sendo a bênção nupcial pronunciada por Calvino. A escolhida do reformador não foi a noiva porque o pai da moça se opôs terminantemente a que ela se mudasse para outra cidade. Calvino ainda chegou a mencionar uma segunda candidata, uma viúva tão virtuosa que ele mesmo desejaria ter por esposa, caso fosse viúvo “e houvesse necessidade de se casar novamente”.¹⁵

Um aspecto das amizades do reformador era a franqueza e sinceridade com que ele podia se dirigir aos seus amigos mais chegados. Certa vez, escrevendo a Farel, um homem vinte anos mais velho e conhecido por sua oratória fluente, ele o repreendeu por seus sermões excessivamente longos:

Percebo que a prolixidade de seus discursos tem dado motivo de queixas a muitos. Suplico e rogo que você se esforce para se controlar. Visto que o Senhor ordena que subamos ao púlpito não para a nossa própria edificação, mas para a do povo, você deve regular o seu ensino de tal maneira que a Palavra não seja exposta ao desprezo por causa de sua linguagem enfadonha... Você está equivocado se espera de todos um ardor igual ao seu.¹⁶

Outro amigo particularmente chegado foi seu sucessor, Teodoro Beza, que havia conhecido Calvino quando ele, Beza, tinha doze anos e residia na casa de Melchior Wolmar, em Bourges. Após uma grave enfermidade, Beza se voltou para a fé protestante e seguiu para Genebra. Seu casamento foi oficiado por Calvino na catedral de Saint Pierre. Depois de algum tempo lecionando

¹⁴ VAN HALSEMA, *João Calvino era assim*, p. 153.

¹⁵ HENDERSON, *Calvin in his Letters*, p. 91-97.

¹⁶ *Ibid.*, p. 98.

em Lausanne, retornou em 1559 para Genebra, onde trabalhou como pastor e reitor da academia fundada por Calvino. Ele escreveu uma biografia de Calvino, colecionou suas cartas e liderou a igreja de Genebra por 40 anos após a morte do reformador.¹⁷ Muitos indivíduos de temperamento mais extrovertido não tiveram amizades tão significativas como aquelas nutridas durante décadas pelo reformador de Genebra.

4. VIDA DOMÉSTICA

Após sua breve estada inicial em Genebra, Calvino passou três anos tranquilos e produtivos em Estrasburgo, onde recebeu a influência benéfica do reformador Martin Butzer. Esse mentor frequentemente lembrava ao colega mais jovem que ele precisava de uma esposa e Calvino empolgou-se com a idéia. Em maio de 1539, descreveu em carta a Farel o tipo de mulher que procurava:

Não sou daqueles apaixonados que abraçam também os vícios daquelas com quem querem casar, quando caídos à primeira vista por um lindo corpo. Eis a única beleza que me atrai: que seja casta, que não seja muito exigente nem melindrosa, que saiba economizar, que seja paciente, e que esteja preocupada com meu estado de saúde.¹⁸

Após três tentativas fracassadas, algumas bastante embaraçosas, Calvino casou-se em agosto de 1540, aos 31 anos, com Idelette de Bure, membro da sua própria congregação de refugiados franceses. O amigo Farel, na época com mais de 50 anos e ainda solteiro, veio de Neuchâtel para officiar a cerimônia. Idelette, uma viúva com dois filhos, era natural dos Países Baixos. Seu primeiro marido, um comerciante, havia abandonado suas idéias anabatistas ao ouvir as pregações de Calvino, tendo falecido pouco depois, vitimado pela peste. Ela se revelou uma esposa exemplar, não somente se dedicando ao lar e ao esposo, mas realizando um abnegado ministério de visitação e beneficência junto aos enfermos e pobres. Os nove anos de casamento foram marcados por grande felicidade, apesar da saúde frágil e das contínuas enfermidades de ambos os cônjuges.

Em setembro de 1541, Calvino retornou definitivamente para Genebra. Passou a residir na rua dos Cônegos, nas proximidades da Igreja de Saint Pierre. Moravam com eles seu irmão Antoine, a esposa deste e quatro filhinhos do casal. Além disso, havia os inúmeros hóspedes que chegavam e partiam conti-

¹⁷ VAN HALSEMA, *João Calvino era assim*, p. 152s. Ver BEZA, Theodoro de. *A vida e a morte de João Calvino*. Trad. Waldyr Carvalho Luz. Campinas: LPC, 2006. Para um tratamento acadêmico da amizade de Calvino com Bullinger, Viret, a família Budé, Bucer, Farel e Melancton, ver *Calvin Study Society Papers, 1995, 1997: Calvin and Spirituality; Calvin and his Contemporaries*. Grand Rapids: CRC Product Services, 1998.

¹⁸ VAN HALSEMA, *João Calvino era assim*, p. 107.

nuamente, mantendo Idelette bastante atarefada. O casal teve três filhos, todos os quais morreram recém-nascidos.¹⁹ O primeiro, nascido prematuramente em julho de 1542, foi batizado pelo pai com o nome de Jacques e viveu apenas duas semanas. Dois anos depois nasceu uma garotinha, que também viveu poucos dias. Transcorridos outros dois anos, a terceira criança morreu ao nascer. Muitos anos mais tarde, respondendo a um adversário que o caluniava por não ter filhos, o reformador escreveu: “O Senhor me deu um filho, mas ele o levou... Em toda a cristandade eu tenho dez mil filhos”.²⁰ Apesar de destoar um pouco de sua costumeira modéstia, essa afirmação era plenamente verdadeira.

Em meados de 1548, Idelette adoeceu gravemente, vindo a falecer em 29 de março de 1549. Em cartas aos amigos, Calvino relatou os detalhes do desenlace, as últimas palavras de Idelette, sua fé firme na hora da despedida. Uma semana depois, escreveu a Viret: “Fui privado da melhor companhia de minha vida, daquela que, se assim lhe fosse ordenado, estaria disposta a compartilhar comigo não apenas da minha pobreza, mas até mesmo da minha morte. Enquanto viveu, foi a fiel auxiliadora do meu ministério”.²¹ Van Halsema observa que nas últimas semanas da vida de Idelette, Calvino não perdeu nenhum sermão, aula ou reunião dos conselhos da cidade. Parecia ser uma atitude insensível. Na verdade, ele sentia profundamente o que estava ocorrendo; todavia, devido ao seu temperamento reservado, só revelava aos amigos mais chegados o que se passava em seu íntimo.

Esse quadro doméstico do reformador fornece uma perspectiva muito diversa de sua personalidade do que se depreende de certos livros. Sua harmoniosa vida conjugal em meio a circunstâncias tão árduas, a boa vontade em acolher o irmão e sua família por anos a fio, a disponibilidade em receber os hóspedes que chegavam constantemente a Genebra para conhecê-lo e receber seus conselhos, tudo isso demonstra que Calvino podia ter um lado generoso e afável, a despeito de algumas arestas cortantes em seu temperamento.

5. ESPÍRITO CONCILIADOR

Um aspecto revelador da personalidade de Calvino foi sua incessante busca de aproximação e entendimento com outros líderes protestantes, em prol dos interesses maiores do reino de Deus. Tal foi o caso com Heinrich

¹⁹ Existem divergências entre os autores quanto ao número de filhos que nasceram a Calvino: alguns falam em três (VAN HALSEMA, *João Calvino era assim*, p. 138s; HYMA, Albert. *The life of John Calvin*. Grand Rapids: Eerdmans, 1943, p. 86); outros falam em um só (PARKER, *John Calvin*, p. 102; COTTRET, *Calvin*, p. 183). Talvez a ideia seja que teve apenas um filho homem.

²⁰ COTTRET, *Calvin*, p. 183.

²¹ CALVINO, João. *Cartas de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 77. Essas 70 cartas de Calvino foram extraídas de uma volumosa edição publicada por Jules Bonet em Paris, em 1854, e traduzida para o inglês nos anos seguintes.

Bullinger, o hábil sucessor de Ulrico Zuínglio na cidade de Zurique. Apesar de suas divergências quanto à maneira como Cristo se faz presente na Ceia do Senhor, Calvino escreveu ao colega que “por causa disso não deixaremos de crer no mesmo Cristo e sermos um nele.” Após enviar ao colega 24 artigos sobre o tema, ele foi a Zurique para conversar com Bullinger e outros líderes. O resultado foi o *Consensus Tigurinus* ou Acordo de Zurique (1549), escrito quase totalmente por Calvino. Dois anos após a morte de Calvino, a união das igrejas suíças foi consumada por meio da *Segunda Confissão Helvética* (1566), redigida por Bullinger.

Em resposta a uma carta amistosa de Bullinger, Calvino havia escrito: “Parece que nunca recebi coisa mais agradável de suas mãos... Estou muito contente porque quase nada... nos impede de concordar agora, mesmo por palavras... Jamais será por minha causa que deixaremos de nos unir numa sólida paz, pois que unanimemente professamos o mesmo Cristo”.²² Certa vez, escrevendo a Farel, o reformador o exortou a se esforçar para que os crentes se mantivessem unidos, não promovendo discussões inúteis sobre detalhes cerimoniais da celebração da Ceia do Senhor.²³

Também é conhecida a atitude generosa e franca de Calvino em relação ao reformador luterano Filipe Melancton, braço-direito e sucessor de Lutero. Calvino apelou ao colega alemão no sentido de que se pronunciasse a favor do ponto de vista reformado sobre a Ceia do Senhor, o que teria contribuído para a maior aproximação entre os dois principais grupos protestantes. Apesar da persistente recusa de Melancton em dar esse passo, o reformador de Genebra o teve em alta consideração até o fim da vida. Após a morte desse colega, em 1560, Calvino exclamou:

Ó Filipe Melancton, apelo para que sejas minha testemunha! Tu estás agora vivendo com Cristo na presença de Deus, e nos aguardas para compartilhar contigo aquele bem-aventurado repouso. Cansado pelo labor, oprimido com muitos cuidados, cem vezes expressaste teu desejo de viver e morrer comigo. Eu também desejei mil vezes que pudéssemos morar juntos. Então certamente estarias mais forte para iniciar a luta...²⁴

É surpreendente a atitude tolerante de Calvino em relação a certas características da reforma luterana. Numa ocasião, escrevendo a Farel sobre a defesa que Butzer fazia de algumas práticas cerimoniais de Lutero, como o canto litúrgico em latim, o reformador de Genebra argumentou que Butzer não o fazia por concordar com tais práticas, mas porque não podia “aceitar que, por

²² VAN HALSEMA, *João Calvino era assim*, p. 162.

²³ HENDERSON, *Calvin in his Letters*, p. 33.

²⁴ VAN HALSEMA, *João Calvino era assim*, p. 153s.

causa dessas observâncias secundárias, nós nos separemos de Lutero. Nem eu, certamente, considero que elas sejam motivos justificados para dissensão”.²⁵ Calvino escreveu uma única carta a Lutero, em 21 de janeiro de 1545, marcada por um tom profundamente respeitoso e conciliador. Preocupado com a possível reação do reformador alemão, que andava muito irritado com as disputas sobre os sacramentos, Melancton não teve coragem de entregar-lhe a carta.²⁶

Calvino demonstrou especial interesse em fortalecer a reforma na Inglaterra durante o reinado de Eduardo VI. Dedicou seu comentário de 1 Timóteo (1548) ao Duque do Somerset, tio do jovem rei e um dos regentes do reino. Enviou cartas e exemplares de algumas de suas obras a Eduardo, exortando-o a ser um rei verdadeiramente cristão. Incentivou o arcebispo Thomas Cranmer, que desejava reunir um sínodo para discutir as diferenças doutrinárias entre os protestantes. Respondendo a uma carta de Cranmer em 1552, Calvino afirmou: “Isso me aflige de tal maneira que, se eu fosse de algum préstimo, voluntariamente cruzaria até mesmo dez mares, se necessário, por essa razão... Tomara eu tivesse tanta capacidade quanto a vontade que tenho de me empenhar!”²⁷

O reformador genebrino achava que alguns protestantes ingleses eram excessivamente obstinados em relação a algumas práticas cerimoniais papistas. Quando John Hooper foi consagrado bispo na sé de Gloucester, ele se recusou a vestir os trajes sacerdotais então em voga para tais ocasiões, sendo punido com a prisão. Calvino escreveu sobre isso ao colega Bullinger: “Embora admire sua firmeza em recusar a unção, eu preferia que ele não tivesse levado tão longe sua oposição com respeito ao capelo e à vestimenta de linho, muito embora eu não os aprove”.²⁸ William Robinson resume bem essa questão ao observar que o reformador essencialmente “sempre buscou a tolerância quando se tratava de questões de detalhes em diferenças humanas, e foi intolerante onde parecia que a verdade de Deus estava sendo negada”.²⁹

6. ESPIRITUALIDADE

Outro aspecto pouco conhecido de Calvino é a sua vida devocional. O reformador valorizava intensamente a vida espiritual, o culto e a comunhão com Deus, tanto no aspecto coletivo quanto individual. O terceiro livro das *Institutas*, considerado um belo tratado sobre a vida cristã, contém o capítulo mais longo dessa obra, que versa exatamente sobre a oração. No início de suas

²⁵ HENDERSON, *Calvin in his Letters*, p. 34.

²⁶ CALVINO, *Cartas de João Calvino*, p. 53.

²⁷ *Ibid.*, p. 96. Outras autoridades a quem escreveu de modo caloroso foram a Duquesa de Ferrara, o Rei da Polônia, o Conde de Arran, o Rei e a Rainha de Navarra e o Almirante Coligny.

²⁸ HENDERSON, *Calvin in his Letters*, p. 35.

²⁹ ROBINSON, La tolerancia de nuestro profeta. In: HOOGSTRA, Jacob T. *Juan Calvino: profeta contemporáneo*. Grand Rapids: TSELF, 1973, p. 41.

preleções bíblicas, o reformador utilizava uma oração padronizada, porém, no final, costumava proferir orações extemporâneas. A oração inicial era a seguinte: “O Senhor conceda que nos empenhemos na contemplação dos mistérios de sua sabedoria celestial com crescente devoção, para a sua glória e para a nossa edificação. Amém”.³⁰ Talvez o melhor retrato da espiritualidade de Calvino sejam as bonitas orações encontradas em muitas de suas obras e nas diferentes liturgias que elaborou.

A liturgia usada em Genebra nos cultos públicos semanais e dominicais continha as “formas de oração” preparadas por Calvino. Essas formas incluíam belíssimas orações de confissão, iluminação e intercessão por várias categorias de pessoas (governantes, pastores, pessoas aflitas, cristãos perseguidos). Havia também uma liturgia especial para a celebração da Ceia do Senhor.³¹ Essas fórmulas serviram de base para as liturgias reformadas nos diferentes países em que o movimento fincou raízes, como França, Escócia, Inglaterra, Holanda e Alemanha. Além disso, o reformador elaborou preciosos modelos para as devoções domésticas matutinas e vespertinas. Charles Baird, um estudioso do assunto, considerou a oração vespertina de Calvino “a mais bela composição desse gênero que já chegou ao nosso conhecimento”.³² Essa oração, que o reformador certamente repetia todos os dias com sua família, começa com as seguintes palavras:

Ó misericordioso Deus! Luz eterna, brilhando na escuridão, tu que afastas a noite do pecado e toda cegueira de coração; visto que determinaste a noite para o repouso e o dia para o trabalho, nós te rogamos, concede que nossos corpos possam repousar em paz e tranquilidade, para que depois sejam capazes de suportar o labor que devem realizar.

Com frequência, mesmo em seus comentários bíblicos e obras teológicas, o reformador utilizou uma linguagem saturada de conteúdo devocional, de profunda espiritualidade. Por exemplo, ele diz o seguinte a certa altura do seu comentário de Gênesis:

É inútil para qualquer pessoa raciocinar como um filósofo sobre a formação do mundo, exceto aquelas que, tendo sido primeiramente humilhadas pela pregação do evangelho, aprenderam a submeter toda a sua sabedoria intelectual (como Paulo afirma) à loucura da cruz. Nada encontraremos, afirmo, no alto ou aqui embaixo, que possa nos elevar a Deus, até que Cristo nos tenha instruído em sua

³⁰ EDWARDS, Charles E. (Org.). *Devotions and Prayers of John Calvin*. Grand Rapids: Baker, 1957, p. 13.

³¹ Ver essas liturgias em BAIRD, Charles W. *The Presbyterian Liturgies: Historical Sketches*. Grand Rapids: Baker, 1957, p. 34-44, 49-58, 66-70. Em português, *A liturgia reformada: ensaio histórico*. Santa Bárbara D’Oeste, SP: Socep, 2001.

³² BAIRD, *The Presbyterian Liturgies*, p. 62-64.

própria escola. Todavia, isso não pode ser feito a menos que, tendo emergido das profundezas mais inferiores, nós sejamos elevados acima de todos os céus na carruagem de sua cruz, para que ali, pela fé, possamos apreender aquelas coisas que os olhos jamais viram, o ouvido nunca ouviu e que ultrapassam em muito nossos corações e mentes. Lá o reino invisível de Cristo preenche todas as coisas e sua graça espiritual se difunde em tudo.³³

No dia 2 de fevereiro de 1564, uma quarta-feira, poucos meses antes de falecer, Calvino pregou pela manhã sobre 1 Reis e à tarde fez sua 65ª preleção sobre Ezequiel. Ele concluiu essa preleção com a seguinte prece:

Concede, Deus todo-poderoso, visto que já entramos pela esperança no limiar de nossa eterna herança e sabemos que existe uma mansão garantida para nós no céu depois que Cristo ali foi recebido, ele que é nosso Cabeça e as primícias de nossa salvação, concede (digo) que possamos prosseguir mais e mais no curso de tua santa vocação até que por fim alcancemos o alvo e assim desfrutemos a glória eterna da qual tu nos permites uma amostra neste mundo, pelo mesmo Cristo, nosso Senhor. Amém.³⁴

7. CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

Teodoro Beza, amigo próximo e sucessor de Calvino, deixou a primeira biografia do reformador.³⁵ Apesar da profunda admiração que sentia pelo líder falecido, o que tem levado muitos historiadores a questionarem a fidedignidade do seu registro, ele parece ter feito uma avaliação honesta da personalidade e conduta de seu mestre. Beza elogia Calvino por sua impressionante capacidade de trabalho e sua atividade incessante até poucas horas antes de morrer. Menciona sua vasta cultura geral e dá exemplos de sua memória privilegiada. Quanto à vida diária, destaca a frugalidade de seus hábitos e da sua alimentação, motivada por sérios problemas de saúde. Calvino contentou-se, por muitos anos, com apenas uma refeição diária, seguida de longos períodos de abstinência. Também dormia pouco, sem que isso diminuísse a sua disposição para enfrentar um sem-número de responsabilidades. Produziu muitas de suas obras acamado, ditando-as para os amanuenses.³⁶

³³ EDWARDS, *Devotions and Prayers of John Calvin*, p. 4s.

³⁴ PARKER, *John Calvin*, p. 152. Sobre a espiritualidade de Calvino, ver também CADIER, *The Man God Mastered*, p. 177-182.

³⁵ Na verdade, existem três biografias de Calvino atribuídas a Beza. A primeira, em francês, serviu como prefácio do último comentário de Calvino, o de Josué, publicado postumamente em 1564; a segunda, também na forma de um prefácio a Josué (1565), foi publicada sob o nome de Beza, mas de fato foi escrita por Nicolas Colladon, outro amigo e auxiliar do reformador; a terceira, em latim, é a “Vida de João Calvino” incluída por Beza em sua edição das “Cartas de Calvino e Suas Respostas” (1575). Ver PARKER, *John Calvin*, p. 175.

³⁶ BEZA, *A vida e a morte de João Calvino*, p. 105-110.

Beza responde uma a uma as calúnias que foram assacadas contra o reformador: herético, ambicioso, dominador, fútil, avarento, devasso, cruel, sanguinário. Aponta para a sua vida de humildade e simplicidade quase espartana, onde não havia lugar para a ostentação, e de total desapego quanto aos bens materiais.³⁷ Sua única recreação era participar ocasionalmente de um jogo de malha ou de chave, por insistência dos amigos.

Depois de dizer que não queria fazer de Calvino um anjo, Beza reconhece que sua propensão natural para a irritabilidade, os ataques dos adversários, o vasto número de responsabilidades e as contínuas enfermidades o tornaram bastante “rabugento e difícil”, principalmente em sua vida doméstica. Em sua avaliação, porém, tudo isto era atenuado pelas grandes virtudes do reformador.³⁸ Referindo-se às atitudes enérgicas que Calvino tomou em relação a certos indivíduos, seu biógrafo afirma: “É bem verdade que sempre que alguém se levantou contra a doutrina de Deus que ele anunciava, nunca deixou nada passar, e tudo fez para que, segundo as santas leis aqui estabelecidas [em Genebra], os zombadores de Deus fossem tratados de conformidade com os seus deméritos”.³⁹

Essa última observação ajuda a entender a razão da severidade de Calvino em relação a certas pessoas e situações. Henry Henderson chama a atenção para o fato de que Calvino se levava muito a sério e tinha um forte senso de sua importância como instrumento de Deus. Em uma carta a Melancton, ele afirmou o seguinte: “Eu sei e confesso que nós ocupamos posições bastante diferentes; ainda assim, porque não ignoro o lugar ao qual Deus me elevou em seu teatro, não tenho razão para ocultar que a nossa amizade não poderia ser interrompida sem grande dano para a igreja”.⁴⁰ A certeza de que era conduzido por Deus e de que a causa de Deus devia triunfar numa cidade que ainda estava tão distante dos ideais da Reforma, explica a intensidade com que Calvino se conduziu em Genebra.⁴¹

Apesar disso, pessoalmente ele se caracterizava por grande modéstia e humildade. No início de sua famosa epístola ao cardeal Sadoletto (1540), ele caracteristicamente afirmou: “Não desejo discorrer sobre mim mesmo. Mas desde que você não permite que eu fique completamente silencioso, direi o

³⁷ Walker observa que o patrimônio pessoal deixado por Calvino foi avaliado em menos de 200 *écus*, algo entre 1.500 e 2.000 dólares, incluindo o valor de sua biblioteca. WALKER, Williston. *John Calvin: The Organizer of Reformed Protestantism*. Eugene, Oregon: Wipf & Stock, 2004 (1906), p. 431.

³⁸ *Ibid.*, p. 123.

³⁹ *Ibid.*, p. 120. Outras informações sobre o caráter e hábitos de Calvino podem ser encontradas em LESSA, Vicente Temudo. *Calvino (1509-1564): sua vida, sua obra*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, s/d, p. 253-260. Lessa baseou-se em obras de Philip Schaff e Émile Doumergue.

⁴⁰ HENDERSON, *Calvin in his Letters*, p. 27s.

⁴¹ Ver CADIER, Jean. *The Man God Mastered*. Grand Rapids: Eerdmans, 1960, p. 181s.

que puder, consistente com a modéstia”.⁴² Depois que os conselheiros de Genebra enviaram emissários para convidá-lo a retornar à cidade, ele escreveu ao amigo Farel: “Eu nunca imaginei que o nosso conselho me valorizava tanto... Pois o que há em mim para me recomendar?”⁴³ Escrevendo ao mesmo colega sobre sua obra contra os decretos do concílio de Trento, ele declarou que agora estava satisfeito com ela, visto que Farel a havia aprovado entusiasticamente. Um pouco adiante, acrescentou: “Certamente fico maravilhado de que alguma composição digna de exame possa proceder de mim”. Referindo-se aos ministros que o substituíram durante sua ausência forçada de Genebra, os quais seus amigos consideravam indignos, Calvino afirmou: “Não me importo por quem a obra do Senhor é levada adiante, contanto que seja bem feita”.

8. UM QUADRO PARADOXAL

Após este levantamento das qualidades pessoais de Calvino, resta o fato de que houve aspectos muito entristecedores em sua personalidade e conduta. Revelando grande inconsistência com as idéias externadas em seus escritos, o reformador nem sempre usou de moderação e simpatia na maneira como tratou as pessoas ao seu redor, em especial aqueles que encarava como seus adversários ou que considerava de algum modo desobedientes aos padrões que Deus havia estabelecido para a sua igreja. McGrath, que de modo geral faz uma avaliação bastante positiva das contribuições de Calvino, vê nele “um indivíduo um tanto quanto frio e reservado, cada vez mais predisposto ao mau humor e à irritabilidade, à medida que sua saúde se deteriorava, e dado a se engajar em brutais ataques pessoais contra aqueles com quem se desentendia, em vez de combatê-los apenas ao nível de suas idéias”.⁴⁴

Fred Graham, igualmente um simpatizante das realizações de Calvino nos campos político e social, lamenta suas práticas disciplinares excessivamente rígidas em Genebra. Por causa da preocupação em preservar a pureza da comunidade e da igreja, a severidade podia se sobrepôr ao amor e os direitos individuais eram ignorados. Graham argumenta que “às vezes a privacidade era violada, os fracos eram intimidados e por vezes punidos fisicamente, e a brutalidade era promovida e aceita em nome da harmonia religiosa e civil”.⁴⁵

Os historiadores têm encontrado diversas causas para essas atitudes de Calvino, todas as quais têm a sua validade. Além do seu temperamento naturalmente nervoso, as circunstâncias da vida e trabalho do reformador certamente

⁴² CALVINO, João. Epístola a Sadoleto. In: FARIA, Eduardo Galasso (Org.). *João Calvino: textos escolhidos*. São Paulo: Pendão Real, 2008, p. 100.

⁴³ HENDERSON, *Calvin in his Letters*, p. 32.

⁴⁴ McGRATH, *A vida de João Calvino*, p. 34.

⁴⁵ GRAHAM, W. Fred. *The Constructive Revolutionary: John Calvin and his Socio-Economic Impact*. Atlanta: John Knox, 1978, p. 165. Ele cita exemplos do rigor de Calvino nas págs. 167s, 170s.

contribuíram para os aspectos menos apreciáveis da sua conduta. Sua saúde extremamente precária, a enorme sobrecarga de trabalho, a necessidade de tratar de problemas tão numerosos e difíceis, e a oposição de indivíduos e grupos que não aceitavam as suas idéias, tudo isso se somava para produzir atitudes negativas em muitas situações. Além disso, como já foi apontado, Calvino tinha a forte convicção de ocupar um lugar especial nos planos divinos, não aceitando facilmente ser contrariado em seus padrões para a sociedade e a igreja.

McGrath entende que a explicação da personalidade complexa do reformador está na forma como entendia o seu chamado – o fato de ter sido separado por Deus para um propósito específico. Esse autor conclui: “Tímido e reservado, ainda assim ele era capaz de uma coragem que beirava a intransigência, recusando-se a fazer concessões quando acreditava que a vontade de Deus estava em jogo”.⁴⁶ No início do século 20, Williston Walker, famoso historiador de Yale, havia chegado à mesma conclusão: “Uma vez convencido da legitimidade de um curso de ação, nenhum perigo o fazia desviar-se de buscá-lo... Boa parte de sua aspereza foi uma consequência... da convicção de que sua obra era plenamente de Deus... Era fácil para tal temperamento ver em uma crítica uma séria ofensa e em um adversário um inimigo de Deus”.⁴⁷

Fred Graham, por sua vez, procura uma explicação bastante diferente para as ações rígidas de Calvino – sua cristologia. Ele argumenta que o reformador tendia a fazer uma separação excessiva entre as naturezas humana e divina de Cristo, de modo que Deus não se envolve realmente com o pecado e o desespero da humanidade, o que é “curiosamente semelhante à falta de simpatia para com o homem pecador perceptível na Genebra de Calvino”.⁴⁸ Essa acusação de nestorianismo contra o reformador não parece fazer justiça à sua reflexão como um todo e às suas vigorosas ações em prol dos pobres e sofredores em Genebra.

Um mês antes de morrer, ao se despedir dos pastores de Genebra, Calvino fez diversas alusões autobiográficas e expressou pesar pelas suas imperfeições:

Tive muitas falhas, que precisastes suportar, e tudo o que fiz não tem nenhum valor... Certamente posso dizer que desejei o bem, que as minhas falhas sempre me desagradaram e que a raiz do temor de Deus tem estado no meu coração... Suplico-lhes que o que é mau me seja perdoado, mas se houve algo bom, que vocês o acatem e o sigam.⁴⁹

⁴⁶ McGRATH, *A vida de João Calvino*, p. 35.

⁴⁷ WALKER, *John Calvin*, p. 442s.

⁴⁸ GRAHAM, *The Constructive Revolutionary*, p. 179.

⁴⁹ WALKER, *John Calvin*, p. 437. Ver *Cartas de João Calvino*, p. 190. Para outras expressões de autocrítica, ver HENDERSON, *Calvin in his Letters*, p. 90.

CONCLUSÃO

Os dados apontados neste artigo põem em relevo a humanidade de João Calvino, com suas cores brilhantes e escuras. Muitos simpatizantes do reformador se sentem constrangidos com determinados aspectos de sua personalidade. Eles lamentam que um homem tão notável de tantas maneiras tenha tido falhas que macularam a sua biografia. Isso não é necessário, porque todos os grandes homens, enfim todos os seres humanos, são portadores de imperfeições em diferentes áreas de suas vidas. Qualquer indivíduo, caso sua vida pudesse ser submetida ao grau de escrutínio experimentado por esse personagem, haveria de revelar lacunas muitas vezes insuspeitadas. A pior coisa que se pode fazer em relação a Calvino é maquiagem a sua imagem, ocultar as suas falhas e incongruências, deixando de encará-lo como ele realmente foi. Outro erro igualmente inaceitável é julgar esse homem tão somente com base em seu temperamento e ações inadequadas. Calvino foi, reconhecidamente, o mais articulado dos reformadores, aquele que deixou um legado mais notável no campo da teologia, aquele cujas ideias não só transformaram a cidade de Genebra e direcionaram o movimento reformado mundial, mas contribuíram para muitos avanços importantes no mundo ocidental.

Utilizando a sugestiva metáfora paulina (2 Co 4.7), ele foi, em sua humanidade a um só tempo áspera e calorosa, um vaso de barro, um instrumento imperfeito e frágil, no qual, todavia, estavam contidos tesouros tanto da sabedoria humana quanto da divina. Considerando todos os aspectos de sua vida, a conclusão dos estudiosos é que as suas contribuições à igreja e à sociedade tiveram muito mais peso do que as suas evidentes limitações. Examinadas as evidências históricas, pode-se com segurança chegar à mesma conclusão que o Pequeno Conselho de Genebra, pouco após a morte do reformador: “Deus lhe deu um caráter de grande majestade”.⁵⁰

ABSTRACT

This article addresses a controversial issue regarding the reformer of Geneva – his personality. Since the sixteenth century, many writers have made an exceedingly negative assessment of John Calvin, usually motivated by ideological prejudice, not by a serene and objective analysis of historical evidence. While recognizing the existence of questionable aspects in certain attitudes and actions of the great reformer, the author insists that there are numerous meaningful and highly valuable areas in his personality and behavior. Initially, the article makes a short survey of recent evaluations of Calvin’s personality. Then, it deals with his family background, friendships, domestic life, conciliatory attitude, and spirituality. The analysis concludes

⁵⁰ WALKER, *John Calvin*, p. 444.

with sections on Calvin's personal traits and the intriguing picture of a man in whom constructive and perplexing elements coexisted side by side. The author concludes that, after weighing all the evidence about this complex character, his positive traits and contributions stand out as the most striking.

KEYWORDS

John Calvin; Personality; Friendship; Domestic life; Spirituality; Personal life.